

Carlos Alberto M. Gomes Mota e Maria Gabriel M. Bulas Cruz,  
Profs Associados, Departamento de Educação e Psicologia da Universidade  
de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD – Vila Real).

## A Turquia e a União Europeia: algumas interrogações

### Introdução

Pretendemos colocar algumas questões relativas à adesão da Turquia à União Europeia. Para as enquadrar fazemos uma breve caracterização desse país e abordamos aspectos históricos, políticos, culturais, sociológicos, geográficos e económicos que nos parecem relevantes.

Por se pretender uma visão objectiva da Turquia, recorreremos a informações oficiais desse país, nomeadamente as que constam na página da Internet, elaborada pela sua Embaixada em Portugal. Aí, pode ler-se: “Os primeiros habitantes da Anatólia remontam ao período Paleolítico (500.000 - 12.000 a.C.). As grutas habitadas mais importantes foram encontradas na região Kemer de Antalya. A primeira cidade conhecida do mundo é Catalhöyük, a nordeste de Konya, e data de 6.500 a.C. As casas eram construídas com tijolos de adobe e a entrada fazia-se pelo telhado. (...) No ano 1200 a.C., os gregos aumentaram o seu poder no oeste da Anatólia. A Jónia estabeleceu-se próximo a Esmirna (Izmir). Os Jónios fundaram também as cidades de Mileto, Efeso e Priene no ano 1000. Muitos poetas e filósofos famosos viveram na Jónia. Os Romanos conquistaram todos os estados da Anatólia entre 133 - 129 a.C.. O Império trouxe a Pax Romana, uma época de paz que permitiu o crescimento económico e o aparecimento do Cristianismo. No ano 330 o imperador romano Constantino transformou Constantinopla na capital e declarou o cristianismo religião oficial. As partes ocidentais e orientais do Império foram-se desenvolvendo de uma forma divergente e, no ano 395, o Império dividiu-se em dois. As metades do século VI <sup>1</sup> Bizâncio dominava todo o Mediterrâneo, desde a Palestina até à Península Ibérica. No entanto, as fronteiras estavam sempre em mudança. A leste estava a ameaça dos Persas, Árabes e Turcos e a oeste a dos Búlgaros e Eslavos. Em 1071 os Seljúcidas turcos venceram a batalha de Malazgirt (Manzikert) contra o Imperador romano bizantino Diógenes e aí iniciaram a conquista da Anatólia. Por causa das Cruzadas as relações entre os cristãos do oriente e cristãos do ocidente pioraram e, em 1201 a armada ocidental tomou Constantinopla. A cidade esteve sob governação latina até ao ano 1261 quando foi recuperada novamente por Bizâncio que se foi completamente abaixo quando o sultão Mehmet Ottoman Fatih conquistou Constantinopla, em 1453. Império otomano (1299 – 1923): O mais pequeno dos Beyliks (principados) que herdaram o Império selúcida de

<sup>1</sup> Transcrevemos a página da Embaixada da Turquia em Lisboa que tem algumas imprecisões em Português.

Anatólia, os otomanos, assentaram-se de início em redor de Iznik (Nikea) e gradualmente, foram-se espalhando por toda a Anatólia. Quando os otomanos conquistaram Constantinopla transformaram-na na capital do Império. No apogeu do Império otomano as suas conquistas abarcavam vastas regiões desde o Golfo Bay a leste da Argélia pelo oeste e desde Viena no norte até ao Sudão e Adén, no sul. Em 1400 e 1500 o Império assenhoreou-se do Mediterrâneo e durante os primeiros séculos foi um Império tolerante no qual floresciam as artes e as ciências. Com o passar do tempo foi-se produzindo o declive do Império e o aparecimento de imperadores medíocres. Em 1870 foi redigida uma constituição e instituiu-se o parlamento. As reformas chegaram com atraso, enquanto que a Grã-bretanha, a França e a Alemanha tinham uma influência decisiva na política exterior, inclusivamente nos assuntos internos do Império que, de modo constante ia perdendo território. A Turquia foi aliada da Alemanha na Primeira Guerra Mundial e perdeu. Os aliados ocuparam Istambul e planearam a divisão do país e a Grécia ocupou a Anatólia ocidental com a autorização da Inglaterra. No Tratado de Sèvres, de 1920, o país foi dividido entre Inglaterra, Itália, França, Grécia e Arménia. Istambul e os estreitos estavam sob o comando comum Britânico-Francês-Italiano e da Turquia faziam parte somente a Anatólia central e uma parte da costa do Mar Negro. O General Mustafá Kemal dirigiu-se a Samsun e reuniu os representantes locais de todo o país com os quais fundou um governo. Também formou um exército composto de tropas otomanas e de camponeses que conseguiram expulsar as forças gregas e arménias, acusadas de colaborar na ocupação com os aliados e de ter cometido atrocidades contra os civis sem sequer respeitar as crianças, mulheres ou idosos. No Tratado de Lausanne, em 1923, que foi assinado após a guerra da Independência, foram estabelecidas as actuais fronteiras da Turquia. (...) A República foi declarada em 29 de Outubro de 1923 e Mustafá Kemal foi o seu primeiro presidente. A Turquia de hoje: é uma república parlamentar baseada na separação dos poderes legislativo, executivo e judicial, governada pelo Presidente e pelo Primeiro Ministro. Os partidos variam, desde os nacionalistas conservadores aos socialistas. O país tem uma vocação europeia; é membro do Conselho Europeu desde 1949, membro da OTAN desde 1952 e membro aliado da EU (antigo Conselho Económico Europeu) desde 1963. Em 1996 a Turquia estabeleceu acordos alfandegários com a União Europeia e actualmente, é candidata à entrada na União Europeia, num processo de harmonização da sua legislação e administração às normas comunitárias. Em Maio de 2000, Ahmet Necdet Sezer foi eleito novo Presidente.”<sup>2</sup>

A “Central Intelligence Agency” (CIA), publica, também na Internet, o “World Fact Book”, actualizado em 13 de Janeiro de 2005. Aí, lê-se, sobre a Turquia: “a Turquia moderna foi fundada em 1923 pelo herói nacional Mustafa Kemal, mais tarde conhecido como ‘pai dos turcos’. Sob a sua

<sup>2</sup> <http://turquia.planetaclix.pt/index.htm>

liderança o país sofreu imensas reformas. (...) A Turquia interveio militarmente em Chipre em 1974 para impedir a tomada da ilha pelos gregos. O Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK) começou uma insurreição em 1984. (...) A Turquia tornou-se membro da NATO em 1952 e desde 1964 é um Estado associado à Comunidade Europeia.”<sup>3</sup> Neste documento lemos igualmente que a Turquia tem uma superfície de 780 000 Km<sup>2</sup>, e uma população de 68 milhões e 900 mil habitantes (estimativa de Julho de 2004). A idade média da sua população é de 27,3 anos, sendo o rendimento per capita em dólares PPC (paridade de poder de compra) de 6700/ano. A população é muçulmana: 99,8%. Note-se que o rendimento per capita em Portugal é de 18000 dólares PPC. Desde a Idade Antiga, verificaram-se movimentos populacionais importantes no sentido Oriente – Ocidente. Os próprios turcos são originários da China.

### 1- O “Ocidente” e a Turquia

Consideramos que a noção de “Ocidente” não é geográfica mas antes cultural. Dificilmente poderemos pensar a Turquia como fazendo parte do “Ocidente”, enquanto a Austrália ou a Nova Zelândia, por exemplo, são “ocidentais”. Pertencemos à parte da Humanidade que a si mesma se chama "Ocidente". Empregamos a expressão “parte da Humanidade” porque, como referimos, a noção de “Ocidente” não encerra, neste caso, um conceito geográfico. Ocidente é aquilo que resultou da interacção da Cultura Grega, do Império Romano e do Cristianismo.

"Falamos de uma "Cultura", entendida como forma de sentir, pensar o Mundo e agir nele. Esta visão do mundo espalhou-se por todo o planeta, levando os seus valores (religiosos, políticos, estéticos ou éticos) ao Continente Americano, a grande parte da África, zonas significativas da Ásia, à Austrália, e Nova Zelândia. Da História Grega consideramos ter nascido a crença na razão humana; de Roma herdou o homem ocidental o Direito e a noção de funcionalidade e espírito prático; do Cristianismo ficou a ideia de Liberdade e Responsabilidade pelos próprios actos, que viria a ser determinante na força disseminadora da sua cultura." <sup>4</sup> Abel Salazar, afirma a este respeito o seguinte:

"O nosso estudo deve apoiar-se, sobretudo, na seriação [Egeia - Grécia- Roma - Europa], porque esta série forma precisamente a história cujo fluxo, no que diz respeito à Europa, conduz dos

<sup>3</sup> Veja-se <http://www.cia.gov/cia/publications/factbook/geos/tu.html> : tradução nossa do inglês.

<sup>4</sup> MOTA, Carlos Alberto M.G., Breve História da Educação no Ocidente, Cadernos do Caos, Porto, 2003, p.11.

tempos pré e proto-históricos aos tempos actuais; forma o que podemos chamar a grande civilização greco-europeia." <sup>5</sup>

Ora a actual Turquia não faz parte daquilo a que chamamos “Ocidente”. Como o texto que citámos da responsabilidade da Embaixada Turca em Lisboa refere, esse país não passou pelo Renascimento, pelo Iluminismo, ou pela Revolução Industrial. Esses acontecimentos de grande envergadura (bem como a Revolução Francesa de 1789, no plano político), não “chegaram” à Turquia. Mas Tales, (640-548 a.C.) que considerou a água o princípio de todas as coisas, normalmente citado como o fundador do pensamento racional, também não faz parte da herança cultural asiática, embora tenha nascido e vivido na Jónia (Ásia Menor). Do mesmo modo, os Sofistas, Sócrates, Platão e Aristóteles, considerados fundamentais no desenvolvimento do pensamento antropológico ocidental, também não fazem parte da herança cultural extra-europeia. Podemos interrogar-nos indefinidamente sobre o que é a Europa. Já respondemos: é algo que se define em termos culturais, não em termos geográficos. Mesmo que consideremos que a Europa é uma península da Ásia, encontramos diferenças entre aquilo a que chamamos “Europa” e aquilo a que chamamos “Ásia”.

## 2- A Turquia e a União Europeia

A adesão da Turquia à União Europeia tem sido defendida por razões diversas. As mais comuns são:

- 1) Não existe uma definição rigorosa do que é “Europa”;
- 2) A União Europeia não pode ser um “clube cristão”;
- 3) A Turquia é um Estado com características idênticas aos actuais Estados que compõem a União Europeia;
- 4) A entrada da Turquia para a União Europeia rejuvenescerá a estrutura populacional da própria União;
- 5) A entrada da Turquia aumentará a segurança da União Europeia (em termos militares e de capacidade de diálogo com o mundo islâmico).

### 2.1 – O que pensamos sobre os argumentos anunciados

Em relação ao ponto 1 já esclarecemos o que pensamos: “Europa” é algo que se define, e define-se em termos culturais e não geográficos. Nesse sentido, a Turquia não é “Europa”. Em relação ao ponto 2 consideramos

<sup>5</sup>SALAZAR, Abel, "Os Sistemas Históricos", in *O Pensamento de Abel Salazar (antologia)*, selecção e introdução de Nogueira, Jofre Amaral, Editorial Inova, 1972, p.121.

que é evidente que a União Europeia não tem que ser um clube cristão, mas esta afirmação pode ser produzida pelos membros actuais da UE e não por candidatos. Na realidade, enquanto na Turquia apenas 0,2% do total da população não é muçulmana, nos principais países da UE verificamos o seguinte:

- a) Alemanha: 3,7% de muçulmanos e 28,3% de pessoas de religiões diversas;
- b) Reino Unido: 2% de muçulmanos;
- c) França: 5 a 10% de muçulmanos.<sup>6</sup>

Estes números mostram a existência de muito maior pluralidade religiosa nos principais Estados da União Europeia do que na própria Turquia. Não serão, por isso, os governantes turcos quem deve alertar para a “homogeneidade religiosa” da UE.

Em relação ao ponto 3, sem nos podermos alongar em demasia, diremos o seguinte: a Turquia é um Estado muito extenso (780 mil Km<sup>2</sup>), com fronteiras que “levarão” a UE para Oriente. Fazendo fronteira com dois Estados europeus (Grécia – 206 Km e Bulgária – 240 Km), a Turquia tem fronteira com seis países da Ásia: Azerbaijão – 9 Km; Arménia – 268 Km; Geórgia – 252 Km; Síria – 822 Km; Iraque – 352 Km; Irão – 499 Km. A estrutura populacional (68 milhões com uma média de idades de 27,3 anos), não é também nada semelhante à de qualquer dos Estados que actualmente fazem parte da UE. O poder de compra e a ocupação profissional não são semelhantes à da UE. Existem na Turquia problemas de direitos humanos por resolver, nomeadamente os que dizem respeito aos curdos. Por outro lado, nenhum Estado da UE mantém qualquer território sob ocupação militar, enquanto a Turquia ocupa cerca de 37% da ilha de Chipre desde 1974. Essa ocupação não é reconhecida como legítima, desde a data em que se efectivou.

Em relação ao ponto 4 diremos que em nossa opinião, não se pode pretender renovar a população da União Europeia com base numa possível migração em massa de turcos. Um critério de mera “ocupação” da União Europeia por imigrantes, poderia levar à integração da Ucrânia, da Roménia, ou de imigrantes de qualquer ponto do planeta.

Em relação ao 5 ponto comentamos que:

- a) As Forças Armadas turcas são consideráveis em termos numéricos e de armamento convencional. Porém, quer as Forças Armadas Britânicas quer

---

<sup>6</sup> Veja-se <http://www.cia.gov/cia/publications/factbook/geos/tu.html>

as Francesas dispõem de equipamento avançado (armamento nuclear e possibilidade da sua utilização efectiva). Um argumento “militarista” a favor da integração turca na UE, pode levar a pensar que tal chegaria para justificar outras adesões, de Estados com Forças Armadas mais numerosas e melhor equipadas;

b) A segurança de Estados ou da União Europeia não depende apenas do vector militar. Duvidamos do argumento referente ao aumento da segurança da União Europeia com a entrada turca pois entre o mundo islâmico árabe e a Turquia existe um passado de rancor e desentendimento. O Império otomano ocupou territórios que hoje constituem países como a Síria ou o Iraque. O esforço de construção de um Estado laico, empreendido na Turquia desde Atatürk não tem paralelo no islamismo árabe. Note-se que a generalidade dos países islâmicos mantém excelentes relações com a Grécia. Nunca a Liga Árabe se manifestou ao lado da Turquia em relação à questão cipriota, por exemplo.

### Conclusão

Ao longo da História da Europa, talvez só o príncipe Alexandre nascido em 356 a.C. no palácio de Pella, *Macedónia*, e falecido na *Babilónia*, em 323 a.C., com a idade de 33 anos, Alexandre dito “O Grande”, tenha tentado a fusão do “Ocidente” com o “Oriente”, fusão que não resultou, como se sabe. Pensamos que a entrada da Turquia na União Europeia será possível, mas no quadro duma União Europeia sem qualquer projecto político. Hoje assistimos à proliferação de espaços económicos, acéfalos do ponto de vista político: é o caso da África, de vastas regiões da Ásia, incluindo a China actual, transformada num enorme produtor de bens. A China terá, contudo, objectivos políticos, imperceptíveis para a maioria dos habitantes do planeta. Querendo a União Europeia manter alguma autonomia e identidade não nos parece que tais pretensões sejam compagináveis com a integração da Turquia. Diga-se ainda que o actual modelo de gestão da União Europeia, baseado no peso populacional dos Estados membros, dará um enorme peso a esse Estado.

### Bibliografia

MOTA, Carlos Alberto M.G., Breve História da Educação no Ocidente, Cadernos do Caos, Porto, 2003.

SALAZAR, Abel, "Os Sistemas Históricos", in O Pensamento de Abel Salazar (antologia), selecção e introdução de Nogueira, Jofre Amaral, Editorial Inova, 1972.

INTERNET:

*<http://www.cia.gov/cia/publications/factbook/geos/tu.html>*  
(CIA World Fact Book - 2005)

*<http://turquia.planetaclix.pt/index.htm>*  
(Página Web da Embaixada da Turquia em Lisboa)

*[http://europa.eu.int/index\\_pt.htm](http://europa.eu.int/index_pt.htm)*  
(Portal da União Europeia)